



JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. Lisboa-5

Este BOLETIM INFORMATIVO publica-se com aprovação eclesiástica.

BOLETIM INFORMATIVO N.º 1-LISBOA, SETEMBRO DE 1976

Fiat, adimpleatur

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastro e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer em Roma o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidade de Saragoça e posteriormente doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960 recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Perú.

Ordenado sacerdote a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Patronato Real de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Academia Pontifícia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo, e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé a 16 de Junho de 1950.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicionada entrega à Vontade de Deus, o Padre — como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. (Actualmente estende-se pelos cinco continentes, com mais de 60 000 sócios, de 80 nacionalidades).

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Monsenhor Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Capela de Santa Maria da Paz — Rua Bruno Buozzi, 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

Em 26 de Junho de 1975, ao bater do meio-dia, serenamente — **sem dar trabalho**, como ele queria — abandonou a terra Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás, que, por desígnio divino, tinha sido o Fundador e o Primeiro Presidente Geral do Opus Dei. Naqueles instantes, muitos homens e mulheres rezavam pausadamente o *Angelus*, interrompendo as suas ocupações habituais, para contemplar o inesgotável mistério da Encarnação do Verbo.

O Padre — como lhe chamavam muitos milhares de pessoas — estava no Céu.

Em poucas horas a notícia deu a volta ao mundo. Os meios de comunicação divulgaram-na em muitas línguas e, no íntimo daquelas almas que ele tanto amava, as lágrimas transformaram-se em oração. Parecia ressoar uma voz que dizia, como São Paulo a Timóteo, com a força dos actos: *bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi* (II Tim, IV, 7); combati um bom combate, acabei a minha carreira, guardei a fé!

No começo de cada ano, na primeira página do calendário litúrgico que ia utilizar para a celebração da Santa Missa e para recitar o Ofício Divino, costumava escrever: **in laetitia, nulla dies sine cruce!**, com alegria, nenhum dia sem cruz. Com esta jaculatória queria aceitar generosa e antecipadamente as dores com que o Senhor o quisesse provar nos doze meses que começavam. No último calendário, como que prevendo a sua morte, interrompeu esse costume e escreveu uma frase que tinha repetido milhões de vezes: **Fiat, adimpleatur!...**, faça-se, cumpra-se... Em *Caminho* (cfr. n.º 691) aconselhava que, perante a tribulação ou a contrariedade, se dissesse **muito devagar, como que saboreando-a, esta oração forte e viril: “Faça-se, cumpra-se, seja louvada e eternamente glorificada a justíssima e amabilíssima Vontade de Deus sobre todas as coisas...”** E acrescentava: **Eu te asseguro que alcançarás a paz.** Não decorreriam seis meses sem que chegasse para ele o *“dies natalis”*, como diziam os primeiros cristãos, sem que alcançasse aquela paz que jamais termina.

O Rev. Doutor Álvaro del Portillo que foi, porque Deus assim o quis, quem esteve mais perto de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer durante os últimos quarenta anos da sua vida — e que é agora o seu sucessor como Presidente Geral do Opus Dei — escreveu: *O Padre acreditou sempre em Deus com uma fé heróica. A sua fé era tão firme, que costumava repetir que quase não necessitava dela, porque via Deus em tudo. Tão sólida era, que tinha explicado graficamente também mais de uma vez que a sua fé era tão gorda que se podia cortar. Por isso devemos recordar com segurança aquelas palavras do Senhor: etiam si mortuus fuerit, vivet. Et omnis qui vivit et credit in me, non morietur in aeternum. O Padre vive e, porque acreditou com amor imenso, viverá para sempre. É o que ele mesmo nos tinha pregado tantas vezes: que para nós a morte não significa mais do que uma mudança de casa. O Nosso Padre está com Deus, na Casa do Céu.*

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer não morreu; vive, e para todos os seus filhos tornou-se realidade aquela sua afirmação — como também recorda o Doutor Álvaro del Portillo — feita em vários países da América, quando lhe pediam que voltasse: **Voltarei e então ficarei.**

Este *Boletim Informativo* quer ser porta-voz periódico de factos da vida do Fundador do Opus Dei, que são já história, e da força com que se manifesta a fecunda actualidade do seu espírito. Aqui aparecerão retalhos da sua vida e da sua doutrina e poder-se-ão ler testemunhos de almas que, em todo o mundo, foram e são transformadas pelo zelo heróico da sua alma sacerdotal.

SOBRE A ETERNIDADE

TEXTOS DE MONSENHOR ESCRIVÁ DE BALAGUER

Este mundo, meus filhos, foge-nos das mãos. Não podemos perder o tempo que é breve; é preciso que nos empenhemos afincadamente na tarefa da nossa santificação pessoal e do nosso trabalho apostólico, que o Senhor nos confiou. Tem de se *gastar* o tempo fielmente, lealmente e administrar bem — com sentido de responsabilidade — os talentos recebidos.

Entendo muito bem aquela exclamação que São Paulo escreve aos de Corinto: *tempus breve est!* Que breve é a duração da nossa passagem pela terra! Estas palavras, para um cristão coerente, soam no mais íntimo do coração como uma censura perante a falta de generosidade, e como um convite constante a ser leal. É verdadeiramente curto o nosso tempo para amar, para dar, para desagravar.

Para nós, a morte é Vida. Mas temos de morrer velhos. Morrer jovem é *anti-económico*. Quando tivermos dado tudo, então morreremos. Entretanto, trabalhemos muito e durante muitos anos. Estamos dispostos a ir ao encontro do Senhor quando Ele quiser, mas pedimos-Lhe que seja o mais tarde possível.

Temos de desejar viver, para trabalhar por Nosso Senhor e para querer bem a todas as almas de todas as raças, de todas as línguas, de todas as nações. Somos todos irmãos, somos filhos de Deus e, por desgraça, há tantos que, em lugar de semear amor, semeiam o ódio... Vedes a necessidade de vivermos muitos anos, semeando sempre um grande amor à convivência?

Mas nós não morremos! Mudamos de casa e nada mais. Com a fé e o amor, nós, os cristãos, temos esta esperança; uma esperança certa. Não é mais do que um *até logo*. Devíamos morrer despedindo-nos assim: **até logo!**

Deus não faz como um caçador, que espera o menor descuido da caça para lhe disparar um tiro. Deus é como um jardineiro que trata das flores, as rega, as protege; e só as corta quando estão mais belas, cheias de louçania. Deus leva as almas quando estão maduras.

Vamos pensar no que será o Céu. *Nem olho viu, nem ouvido ouviu, nem passou pelo pensamento do homem o que Deus tem preparado para os que O amam.* Imaginais o que será chegar lá e encontrar-nos com Deus, e ver aquela formosura, aquele amor que se derrama nos nossos corações, que sacia sem saciar? Eu pergunto-me muitas vezes ao dia: o que será quando toda a beleza, toda a bondade, toda a maravilha infinita de Deus se derramar neste pobre vaso de barro que sou eu, que somos todos nós? E então compreendo bem aquilo que disse o Apóstolo: *nem olho viu, nem ouvido ouviu...* Vale a pena, meus filhos, vale a pena!

Os que se amam procuram ver-se. Os enamorados só têm olhos para o seu amor. Não é lógico que seja assim? O coração humano sente esses imperativos. Mentiria se dissesse que não anseio por contemplar a face de Jesus Cristo. *Vultum tuum, Domine, requiram!* procurarei, Senhor, o teu rosto. Encanta-me fechar os olhos e pensar que chegará o momento, quando Deus quiser, em que O poderei ver, *não como num espelho e sob imagens obscuras... mas face a face...* Sim, meus filhos, o meu coração está sedento de Deus, do Deus vivo. *Quando é que irei e verei a face de Deus?*

Dois de Outubro de 1928

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer teve os primeiros *pressentimentos* de que Deus queria alguma coisa dele em 1917, quando tinha quinze anos. Nosso Senhor valeu-se de um facto insignificante para inquietar a sua alma.

A sua família vivia então em Logronho, na Rua de Sagasta, numa casa que faz esquina com a Rua Vieja, muito perto da ponte metálica sobre o Ebro. Todos os dias ia para o colégio, na Rua do Marquês de Murrieta, com entrada pela de Salmerón. Passava pela Rua Ancha, e um dia em que a cidade estava coberta pelo frio manto da neve, a meio do caminho, por alturas do então Colégio dos Irmãos Maristas, viu as marcas dos pés descalços de um Carmelita que caminhava sobre a neve. Era um facto banal. Mas as marcas daquelas pegadas penetraram na sua alma jovem e fizeram-lhe pensar no que um homem era capaz de fazer por amor de Deus.

Acodem ao meu pensamento tantas manifestações do Amor de Deus naqueles anos da minha adolescência — dirá mais tarde, evocando aquelas recordações —, quando pressentia que o Senhor queria alguma coisa de mim e que eu não sabia o que era; acontecimentos e pormenores vulgares, aparentemente insignificantes, de que Ele se valia para meter na minha vida essa inquietação divina... Por isso entendi



Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, seminarista em Saragoça, em 1923.

muito bem aquele amor tão humano e tão divino de Teresa do Menino Jesus, que se comove quando entre páginas de um livro assoma uma estampa com a mão ferida do Redentor. Também a mim me aconteceram coisas desse gé-

nero, que me inquietaram e levaram à comunhão diária, à purificação, à confissão e à penitência.

Passariam onze anos desde aquele acontecimento de Logronho, até saber claramente qual era o querer de Deus. Durante estes anos, Josemaría termina o curso liceal e inicia os estudos eclesiásticos em Logronho. Depois vai para Saragoça e prepara o Doutoramento em Teologia na Universidade Pontifícia. Mais tarde apresentaria, em Roma, a correspondente tese de doutoramento.



«Desde que Monsenhor Escrivá de Balaguer teve os primeiros pressentimentos de que o Senhor queria alguma coisa dele, algo que não sabia o que era, começou a pedir luz para conhecer a Vontade de Deus — ut videam!, que eu veja! — e repetia uma invocação confiante, para que se realizasse aquilo que o Senhor queria: Domine, ut sit!, Senhor, que se faça! Em 1960 levaram-lhe a Roma esta imagem em gesso de Nossa Senhora do Pilar. Quando o Fundador do Opus Dei ainda estava no Seminário, na festa das Mercês de 1924, tinha gravado na peanha esta jaculatória: Domina, ut sit!, Senhora, que se faça!» A imagem conservou-se em Saragoça em casa de uns parentes e ele tinha-se esquecido dela. É uma manifestação comovedora da sua oração de tantos anos, antes que nascesse o Opus Dei.



Madrid. Residência dos Missionários de São Vicente de Paulo e Basílica da Milagrosa, na Rua Garcia de Paredes, tal como era em 1928.

ut videam, Mestre, que eu veja. Não posso deixar de recordar — dir-nos-á na sua homilia “Vida de fé” — que, ao meditar nesta passagem, há já muitos anos, ao compreender que Jesus esperava alguma coisa de mim — algo que eu não sabia o que era! — fiz as minhas jaculatórias. Senhor, que queres? Que me pedes? Pressentia que me procurava para alguma coisa nova e o *Rabboni, ut videam* — Mestre, que eu veja — levou-me a suplicar a Cristo numa oração contínua: Senhor, que se cumpra o que Tu queres.

No dia 2 de Outubro de 1928 nasceu o Opus Dei.

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer tinha apenas vinte e seis anos e era sacerdote desde 28 de Março de 1925.

Naquele 2 de Outubro fazia um retiro em Madrid, na residência dos Missionários de São Vicente de Paulo, na Rua Garcia de Paredes, esquina com a

Rua Modesto Lafuente, junto da Basílica da Milagrosa. Era a festa dos Santos Anjos da Guarda. Nesse dia fez-se luz clara na sua inteligência e as ânsias do seu coração, inquieto durante tantos anos, tiveram resposta plena. Ouviam-se os sinos da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos que repicavam ao longe: nunca deixaram de soar nos meus ouvidos, dirá muitos anos depois.

A partir desse dia Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer é o Fundador do Opus Dei: a Vontade de Deus era que dedicasse a sua vida a promover a plenitude da vida cristã entre homens que vivem no meio do mundo, no exercício dos mais diversos trabalhos e ocupações. O divino semeador, Jesus, tinha deixado cair a semente na sua alma de modo patente e claro.

Anos depois dirigia uma meditação — era a sua oração pessoal traduzida em palavras — numa festa dos Santos Anjos da Guarda: **É razoável** — dizia — que

vos dirija umas palavras neste dia, quando começo um novo ano da minha vocação para o Opus Dei. Eu era então um rapaz, como muitos de vós: vinte e seis anos e bom humor; não tinha outra coisa. Se tivesse sabido tudo o que havia de vir, teria morrido.

O Senhor quis pôr esta semente maravilhosa da sua Obra no coração daquele pobre sacerdote, para que começasse na obscuridade, sem ruído, mas decididamente, teimosamente. Porque o Senhor — diz a Escritura — *escolheu os néscios segundo o mundo para confundir os sábios; escolheu os fracos do mundo para confundir os fortes e as coisas vis e desprezíveis e aquelas que não eram nada para destruir as que são* (I Cor. I, 27-28); e certamente procura também instrumentos que, dentro da sua pequenez, tenham os defeitos suficientes para poder utilizá-los, de modo que se veja com maior clareza que a Obra é sua.

Aquela festa dos Santos Anjos da Guarda foi uma presença constante na vida de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer. Alguma vez perguntou ele próprio em voz alta, diante dos que eram seus filhos: **Padre, realmente a Obra começou em 2 de Outubro de 1928? E esta foi a sua resposta: Sim, meu filho, começou no dia 2 de Outubro de 1928. A partir desse momento nunca mais tive tranquilidade, e comecei a trabalhar, de má vontade, porque resistia à ideia de fundar qualquer coisa; mas comecei a trabalhar, a mexer-me, a actuar: a pôr os alicerces.**

Pus-me a trabalhar e não era fácil: as almas escapavam-se como se escapam as enguias na água. Além disso, havia a mais brutal incompreensão: porque o que hoje já é doutrina corrente no mundo, então não era. E se alguém afirma o contrário, desconhece a verdade.

Tinha vinte e seis anos — repito —, a

graça de Deus e bom humor; nada mais. Mas assim como nós, os homens, escrevemos com a caneta, o Senhor escreve com a perna de uma mesa, para que se veja que é Ele quem escreve: isso é que é incrível, isso é que é maravilhoso. Tinha de se criar toda a doutrina teológica e ascética e toda a doutrina jurídica. Encontrei-me com uma solução de continuidade de séculos: não havia nada. Toda a Obra, aos olhos humanos, era um grande disparate. Por isso, alguns diziam que eu estava louco, que era um hereje, e tantas coisas mais.

O Senhor dispôs os acontecimentos de modo que eu não contasse nem com um centavo, para que também assim se visse que era Ele. Imaginai como fiz sofrer os que viviam à minha volta! É justo que aqui dedique uma lembrança a meus pais. Com que alegria, com que amor suportaram tanta humilhação! Era preciso triturar-me, como se moe o trigo para preparar a farinha e poder fazer o pão; por isso o Senhor me batia naquilo que mais amava... Obrigado, Senhor! Porque esta fornada maravilhosa de pão já está a difundir o bom odor de Cristo (II Cor. II, 15) no mundo inteiro; obrigado por estes milhares de almas que estão a glorificar a Deus em toda a terra. Porque eles são teus.

Três dias depois da sua morte, o Doutor Álvaro del Portillo escrevia estas palavras: *Para este ano, tinha-nos sugerido que invocássemos o Senhor com a mesma jaculatória daqueles anos de pressentimentos divinos: Domine, ut videam!, ut videamus!, ut videant! Ánsias de luz de Deus, para ele, para cada um de nós; petição de luz divina para todos os homens, para que saibam descobrir os caminhos divinos da terra. Terminou a sua vida no mundo com a mesma oração com que na sua adolescência se dispunha a cumprir heroicamente o que Deus queria dele.*

Sob o seu impulso espiritual

Com uma intensa vida de oração e penitência, com o exercício das virtudes sobrenaturais e humanas, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei.

A tarefa principal da Obra é a formação dos seus sócios, para que cada um, individualmente, realize o seu trabalho apostólico de cristão no mundo e na sociedade.

... o apostolado essencial do Opus Dei — em palavras do seu Fundador — é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 71).

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs — trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 84).

Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

centro
elis

(ROMA)

Às sete e meia da tarde do dia 21 de Novembro de 1965, sob o céu romano coberto de nuvens, uns projectores iluminavam os edifícios do Centro ELIS e da Igreja paroquial de São João Baptista. Muitas pessoas levavam archotes acesos, e a sua luz formava como que um caminho simbólico de carinho filial e de veneração para com Paulo VI, que



tinha querido inaugurar aquelas obras apostólicas.

Na morna noite romana, abertas de par em par as portas do Centro ELIS, Monsenhor Escrivá de Balaguer esperava junto do automóvel do Papa para se despedir de Paulo VI e agradecer-lhe as três longas horas que tinha passado naquela obra corporativa do Opus Dei no bairro Tiburtino.

— **Quis esperá-lo de joelhos** — comentaria na manhã seguinte Monsenhor Escrivá de Balaguer —, **como um sacerdote que ama com loucura o Papa e a Igreja Católica.**

Mas o Romano Pontífice levantou-o e quebrou o protocolo com um abraço prolongado cheio de carinho. Apoiando as suas mãos nos ombros do Fundador do Opus Dei, disse: *Tutto, tutto qui è Opus Dei.* Aqui, tudo, tudo é Opus Dei.

O projecto do Centro ELIS - Educazione, Lavoro, Istruzione, Sport — nasceu sob o pontificado do Papa João XXIII.

Com base numa sugestão do então substituto da Secretaria de Estado, Monsenhor Angelo Dell'Acqua, Sua Santidade João XXIII decidiu que os fundos recolhidos para honrar Pio XII por ocasião do seu octogésimo aniversário, fossem destinados a uma obra social na periferia romana, necessitada de actividades assistenciais e educativas. O Papa decidiu confiar a realização e a direcção do projecto a sócios do Opus Dei.

O Centro — contíguo à paróquia de São João Baptista ao Collatino, confiada a sacerdotes do Opus Dei — compreende um conjunto de edifícios residenciais e escolares e uma ampla zona desportiva. As variadas funções do Centro podem ser sintetizadas assim:

FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Realiza-se na escola de Ensino Médio, diurno e nocturno, e no Centro de Aperfeiçoamento Profissional que especializa operários em electro-mecânica e em desenho industrial.



Todas as pessoas que estão em relação com o Centro ELIS — professores, alunos, pais — recebem uma formação humana e cristã que as prepara para enfrentarem com maturidade as suas responsabilidades profissionais, familiares e sociais. As actividades especificamente religiosas estão organizadas de maneira que os alunos possam participar nelas livremente, dentro de um clima de responsável decisão individual.

Um das palavras de Paulo VI, naquele dia 21 de Novembro de 1965, reflectem claramente os fins que os sócios do Opus Dei — animados pelo espírito apostólico do seu Fundador — procuram com o seu trabalho no Tiburtino:

É uma obra do coração, é uma obra de Cristo, é uma obra do Evangelho; toda orientada em benefício dos que a utilizam. Não é um simples albergue, não é uma simples oficina ou uma simples escola, não é um campo desportivo qualquer; é um centro, no qual a amizade, a confiança, a alegria, constituem o ambiente; onde a vida encontra a sua dignidade própria, o seu autêntico sentido, a sua verdadeira esperança; é a vida cristã que aqui se afirma e desenvolve e que aqui quer demonstrar na prática muitas coisas de interesse para o nosso tempo.

Na mesma ocasião, o Presidente Geral do Opus Dei resumiu os desejos da Associação ao aceitar da Santa Sé o encargo de criar o Centro ELIS: **Com especial agradecimento, o Opus Dei acolheu este encargo de formação profissional, humana e cristã da juventude trabalhadora, não só porque, como costume repetir, o Opus Dei quer servir a Igreja como a Igreja quer ser servida, mas também porque a tarefa que se lhe confia corresponde perfeitamente às características espirituais e apostólicas da nossa Obra. Com efeito, tanto na formação dos seus sócios como na prática dos seus apóstolos, ela tem como fundamento a santificação do trabalho profissional de cada um.**

PROMOÇÃO CULTURAL NO BAIRRO. Leva-se a cabo por meio de diversas actividades para jovens e adultos nas instalações da residência e por meio de uma Biblioteca popular.

EDUCAÇÃO DESPORTIVA. As diferentes secções do Grupo Desportivo preparam os rapazes para a prática dos diversos desportos.

ALBERGUE DE JUVENTUDE. Oferece alojamento, em ambiente familiar, a grupos de trabalhadores e estudantes de todo o mundo que chegam a Roma para Congressos e Assembleias ou para visitar a Cidade Eterna.

Independentemente destas actividades, a Secção Feminina do Opus Dei dirige a SCUOLA ALBERGHIERA FEMMINILE INTERNAZIONALE, que promove cursos de qualificação profissional para a indústria hoteleira ou para o trabalho doméstico.

Escrevem-nos

NÃO FOI PRECISO OPERAR

Dois dias depois da morte de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, uma empregada, M.C., do Instituto de Beleza, disse-me que estava muito triste porque a informaram de que o seu pai, D.C.P., ia perder um olho por causa de um golpe que tinha provocado descolamento da retina e que mesmo com a operação não lhe davam esperanças. Então eu, tendo a certeza da santidade de Monsenhor Escrivá de Balaguer, e sabendo que está muito perto de Deus, disse-lhe que lhe pedisse com muita fé, como ele mesmo nos ensinou, não a pedir, mas a dizer: quero que me faças isto, como quando um menino pede alguma coisa ao pai, tendo a certeza, de que lha vai fazer; e pediu, e com o tratamento que começaram a dar ao senhor para o preparar para a operação, começou a melhorar e está a recuperar sem necessidade de ser operado.

(M. de L.A., de G. de México, D.F.)

AS RADIOGRAFIAS ATESTAM-NO

No dia 2 de Setembro passado, um amigo meu, médico, contou-me que enquanto convalescia de uma melindrosa operação cirúrgica, lhe sobreveio uma grave complicação pulmonar que afectava os dois pulmões, sendo especialmente perigosa no pulmão esquerdo; pediu ao Senhor a sua cura por intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer e quarenta e oito horas depois a doença tinha desaparecido. Na sua opinião, tratava-se de uma cura extraordinária, que não se explicava clinicamente. Não é auto-sugestão — disse-me — porque as radiografias o atestam. Mas — acrescentou — o mais importante foi a conversão interior que experimentei. Para o futuro, quero orientar a minha vida para Deus, ser mais exigente comigo mesmo e preocupar-me mais com os outros.

(X.X., de Madrid)

A MISSA DE DOMINGO

A. de I. contou-me que estava a ter dificuldades para ir à Missa ao domingo, uma vez que o seu marido gosta de passar os fins de semana no mar e regressavam muito tarde.

Lembrou-se de pedir a Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer que esta dificuldade se resolvesse de alguma maneira.

Naquele dia, quando o marido chegou, disse-lhe que entrara na igreja a pedir por um amigo que estava doente e que prometera ao Senhor nunca mais tornar a faltar à Missa aos domingos.

(M.D.M.R., de São Salvador)

ANTES DO CASAMENTO

Minha irmã ia casar-se e o meu cunhado, que é mecânico de profissão, não se queria confessar para receber o Sacramento do Matrimónio. Chegou mesmo a dizer que comungaria sem se confessar. Tratei de lhe fazer ver que, se o fazia sem estar em graça, cometeria um sacrilégio.

Quando soube do falecimento de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, encomendei-lhe o caso, pois tinha a certeza de que estava no Céu. No dia 28, de manhã, o meu cunhado foi-se confessar.

(A.P.M., de Palma de Maiorca)

COMEÇOU A ANDAR

D.A.M.S. nasceu em 1969 afectada pela “rubéola” que sua mãe tinha contraído durante a gravidez, produzindo-lhe raquitismo ósseo, atraso mental e paralisia infantil parcial.

Com dois anos, os médicos diagnosticaram: “Impossibilidade de andar por paralisia infantil parcial e por atraso mental”.

Quando a menina fez quatro anos tentou-se o seu internamento num centro de Reabilitação de Caracas, mas teve de se interromper o tratamento por falta de recursos económicos e por viverem longe do Centro Hospitalar.

Desde Fevereiro de 1973, deixou de se lhe aplicar qualquer tratamento médico, pondo toda a confiança e oferecendo a doente ao “Santo Niño de la Cuchilla” de Zea, muito venerado nesta pequena aldeia andina do Estado de Mérida. Os pais tinham a fé simples mas forte de todos os camponeses desta parte da Venezuela.

Por estar próxima uma escola de formação agrária dirigida por professores que pertencem ao Opus Dei, chegaram a conhecer o espírito da Obra e a estimar o seu Fundador, Monsenhor Escrivá de Balaguer.

No dia 26 de Junho de 1975 morre Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer e a fé e o carinho desta família leva-os a pedir que interceda pela sua filha junto de Deus.

A oração do pai foi esta: “Monsenhor, tu que tanto pregaste no mundo sobre Deus e agora de certeza que estás junto d’Ele, se podes, ajuda-me e intercede pela cura da minha filha D. ante o Pai Deus”.

A surpresa maior para esta família foi que no dia 3 de Julho de 1975, às dez da manhã, a menina estando sentada no chão, como sempre, pediu por gestos e com as suas poucas palavras que lhe pusessem umas “cotisas”, nome popular de alpercatas entre os camponeses venezuelanos. A mãe disse-lhe então: “Se andares, ponho-te as tuas e levo-te ao pátio”. “Eu sim ando ma...” respondeu a menina. A mãe pôs-lhas e a menina, sem nunca o ter feito, porque era incapaz de manter o equilíbrio, começou a andar.

A menina continuou a andar sozinha por toda a casa e praticamente todo o dia. Era ela a mais contente, gostava de andar e isso alegrava-a. É preciso observar que, sempre que via brincar as outras crianças, ficava triste de não poder fazer o mesmo.

Até agora a menina continua a adquirir mais força e a andar cada vez melhor.

Os pais estão plenamente convencidos de que Deus lhes concedeu essa graça pela intercessão de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer.

(X.X., de Aldea La Sanjuana, Municipio San Juan de Colón)

SALVOU-ME A VIDA

O senhor J.B.B. — pai de um bom amigo meu — foi transportado de avião para Santiago para ser operado de um coágulo numa perna. Ao chegar à Clínica logo me reconheceu como amigo do filho, e fiz-lhe chegar uma estampa para pedir a glorificação de Mons. Escrivá de Balaguer. Como soube depois, meteu a estampa no bolso do pijama e não se separou dela; no passado 26 de Fevereiro escrevia-me: “O médico que me operou, disse-me dias depois da operação: Você crê em milagres? Porquê, Doutor? Porque o facto de você estar vivo e com esperança de recuperação, é um milagre. O mesmo me disseram dois ou três médicos daqui”.

“Conto-lhe isto — termina a carta — porque estou profundamente convencido de que você ajudou a que se produzisse o milagre, levando-me no dia da minha chegada a estampa de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás, o qual, indubitavelmente, interveio para me salvar a vida”.

(B.B.L., de Santiago do Chile)

A FILHA DA PORTEIRA

Quero comunicar um favor obtido por intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer.

Há três anos a minha filha acabou os seus estudos e desde então estávamos a procurar-lhe um emprego, pois nos era muito necessário. Rezei muito, mas não consegui nada. Quando morreu o Padre, um sacerdote da Obra deu-me a estampa com a oração para a devoção privada. Fiz uma novena pedindo ao Padre com muita fé que encontrasse um emprego para a minha filha e, logo ao acabar, encontrei e além disso muito bom. Estou-lhe muito agradecida e por isso quis comunicá-lo. Conheço a Obra porque sou porteira de uma casa onde está um centro do Opus Dei.

(J.C.A., de Cádiz)

MAIS DE UM ANO SEM TRABALHO

O que vou escrever, aconteceu-me a mim; há mais de um ano meu marido ficou sem trabalho; desde então procurámos encontrar outro, mas era inútil, parecia um mistério: não havia forma; considerando que os postos de trabalho estão muito mal, comecei a rezar e a fazer promessas, mas nada, até que me dei por vencida; tudo era inútil.

No dia 26 de Junho soube da morte de Monsenhor Escrivá de Balaguer no momento em que estavam a dar a notícia no Telejornal. Deu-me muita pena, pelo bom e santo que era. Mas pensei: está no Céu. Então supliquei-lhe com humildade: Padre, ajuda-me, pede tu ao Senhor por mim: faz com que apareça um trabalho para o meu marido, peço-te com todo o coração, confio em ti; e todos os dias lhe suplicava, rezava e ofereci-lhe uma Missa. Tinha o pressentimento de que me ia ajudar e assim foi.

No dia 30 tivemos uma chamada telefónica de um senhor, que queria ter uma entrevista com o meu marido para um trabalho.

Apresentaram-se 27 para esse trabalho, mas meu marido foi o escolhido.

No dia 1 começou a trabalhar. Isto foi tudo: o Padre escutou as minhas orações, porque antes tinha tido muitas entrevistas, mas eram sempre outros os escolhidos.

(M.S.A., de Oviedo)

COMUNGOU

Tenho uma filha de quinze anos que me trazia preocupada pois tinha deixado de se confessar, há tempos. O pai e eu procurávamos por todos os meios convencê-la a que o fizesse e rezávamos.

Logo que tive conhecimento da morte de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, pedi-lhe; a minha filha, sem resistência, foi-se confessar, e neste domingo, com todos os de casa, como sempre fazia antes, comungou.

(J.A.J., de Granada)

RESOLVERAM-SE AS DIFICULDADES

Eu estava muito preocupada porque uma irmã minha estava a ter problemas com o marido. Pedi ao Senhor, através do Padre, que acabava de morrer, que a ajudasse a resolver essas dificuldades matrimoniais.

Uma semana depois tudo se arranjou de uma maneira inacreditável, e estou certa de que o Padre teve que ver com isso.

(*T.N., de Guatemala*)

CONFESSOU-SE

P. de P. tinha, há tempos, a sogra doente com cancro, e ultimamente muito grave. Preocupava-a que morresse sem ter voltado aos Sacramentos que abandonara há muitos anos. Tinha estado a insistir para que se confessasse mas sem esperar resposta positiva.

Recém-falecido o Padre, pediu-lhe que intercedesse junto do Senhor para que a sogra se confessasse. No dia seguinte pela manhã, telefonou para a cumprimentar e soube que acabava de se confessar.

Estava há 40 anos sem se aproximar da Confissão.

(*X.X., de São José da Costa Rica*)

UMA SITUAÇÃO CRÍTICA

A partir de Setembro de 1974, a minha mãe, L.G.W. que vive em São Paulo, sofreu um progressivo estrangulamento do esófago que paulatinamente a foi impedindo de se alimentar normalmente.

Atravessou assim diversos períodos críticos, com perigo de vida. A situação era mais grave, porque havia cerca de 35 anos que não frequentava os Sacramentos: ia apenas esporadicamente à Missa.

Depois da morte do Padre, fizemos contínuas novenas pedindo que se confessasse e comungasse e — se fosse para seu bem — que a melhorasse do mal físico que a afligia.

No dia 16 de Julho de 1975 — dia de Nossa Senhora do Cavino, de quem foi muito devota, desde menina — minha mãe, com 76 anos de idade, confessou-se.

No passado dia 18 de Janeiro, depois de duas transfusões de sangue e diversas de soro, o médico deu-lhe uns dez dias de vida, pois estava totalmente desidratada e havia mais de quinze dias que nem sequer podia engolir a saliva. A única alternativa possível era fazer uma imediata traqueotomia, coisa delicadíssima, porque sofria de arritmia e bloqueio de uma parte do coração.

Continuámos a pedir a intercessão do Padre, e 24 horas depois deste diagnóstico, começou a melhorar sem nenhuma intervenção médica, passando a alimentar-se primeiro com líquidos e depois com sólidos. Hoje alimenta-se e move-se normalmente, dando sinais de uma melhoria permanente. Os médicos nunca esperaram tal resultado do tratamento efectuado.

Eu atribuo esta rápida recuperação e estas graças à intercessão do Padre.

(*L.C.G.W., de São Paulo*)

VOU-ME CONFESSAR

A senhora G.G. tinha-me manifestado a sua preocupação pelo marido que há tempos não se aproximava do Sacramento da Penitência, o que se notava já nas suas atitudes. Soube da morte de Mons. Escrivá de Balaguer, o que a impressionou — tinha-o visto num filme —, mas imediatamente disse-me ela que sem egoísmo lhe encomendou fortemente a confissão do marido. No domingo seguinte foram à Missa; notava que o marido estava nervoso, por fim levantou-se e disse: “vou-me confessar”. Assim fez e comungou naquela Missa. “Eu ofereci a Comunhão ao Padre, agradecendo-lhe aquele favor”.

(*M.E.P.M., de México, D.F.*)

O MEU PAI COMPREENDEU

Comecei uma novena ao Padre, pedindo-lhe que o meu pai mudasse de atitude, pois andava zangado há mais de cinco meses por causa do meu casamento e, praticamente sem me falar.

Poucos dias depois o meu pai compreendeu tudo, voltando a portar-se como sempre.

(*I.S. y S.T., de Madrid*)

NÃO TINHA REMÉDIO

Segunda-feira, 7 de Julho, recebi uma chamada telefónica da minha prima M.J. del C.A. que me disse: “Chamo-te para te contar o que nos fez o Padre. Recordas-te da minha sobrinha M.E.A.G. de quem te disse que estava muito mal? Disse à minha mãe: Peçamos ao Padre para que interceda por ela no Céu e o Senhor a cure ou a leve, porque não tem remédio. E graças a Deus já está bem”.

(*E. del C., de Guatemala*)

MELHORAS DE SAÚDE

Havia tempo que o meu pai não se encontrava bem de saúde e, nos últimos meses, piorou de tal maneira que cheguei a estar seriamente preocupado, pensando na melhor maneira de o ajudar.

Falei com o meu director espiritual, que me sugeriu que fizesse uma novena a pedir ao Senhor a sua cura, por intercessão do Fundador do Opus Dei. Dois dias depois de iniciar a novena, o meu pai sentiu-se muito melhor e os resultados das análises clínicas foram muito bons. Desde aquele momento tem continuado em franca melhoria.

Fiquei muito impressionado porque era a primeira vez que a minha oração tinha sido escutada de maneira tão rápida e patente. Tenho a certeza de que o Padre entendeu os meus sentimentos. Precisamente porque teve tanto coração, compreendeu as íntimas preocupações familiares e, de maneira especial, o carinho filial.

A partir de então, recorro com muita frequência à intercessão do Padre.

(*J.S., de Sydney, Austrália*)

Pede-se a quem obtiver graças por intercessão de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer que as comunique a esta Vice-Postulação.

Obras publicadas de Mons. Escrivá de Balaguer

Caminho

“Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra prima: escreveu, tirando inspiração do seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que, como verso solto mas completo, formam o CAMINHO..., em que não aparece a rigidez de um “código”, mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paternal solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando”. (De *L'Osservatore Romano*, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro publicou-se em Fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna) com o título de **Consideraciones Espirituales**. A partir de então, as edições têm-se multiplicado cada vez mais rapidamente, alcançando, em fins de 1975, o número de 128 edições, em 31 idiomas e 2 485 906 exemplares.*

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos 15 mistérios da vida de Cristo e da Virgem Maria que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. A partir de então apareceram 32 edições em nove idiomas.*

Temas actuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, apresentando os temas de maior importância para os seus leitores. Monsenhor Escrivá de Balaguer respondeu, por escrito e exaustivamente, às perguntas que lhe tinham formulado. Este livro apresenta o texto completo daquelas entrevistas.

A primeira edição publicou-se em 1968. A partir de então até 1975, publicaram-se 26 edições em sete idiomas.*

Cristo que passa

O livro recolhe algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer ao longo da sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. No estilo conjugam-se a profundidade teológica e a clareza da exposição.

A primeira edição deste livro fez-se em Março de 1973. Até Outubro de 1975 já tinham aparecido 22 edições em seis idiomas.*

La Abadesa de las Huelgas

Uma investigação penetrante sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadesa do famoso mosteiro de Burgos, realizada a partir das fontes e de documentos originais. A primeira edição publicou-se em 1944. A segunda é de 1974.

* Tradução portuguesa em Edições Prumo/Aster, Lisboa

ORAÇÃO

para a devoção privada

*Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço ... (peça-se).
Amen.*

Pai Nosso, Avé Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Este **Boletim Informativo** é distribuído gratuitamente. Quem o desejar pode, com os seus donativos, contribuir para a edição desta publicação e para o sustento das actividades apostólicas criadas pelo impulso espiritual do Fundador do Opus Dei, de santa memória.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**.